

---

## VTS CREW: Percursos no Bairro Parque Dois Irmãos e na rede<sup>1</sup>

Fernanda de Façanha e CAMPOS<sup>2</sup>

Catarina Farias de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará/ Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

O artigo apresenta através do olhar da etnografia tradicional e virtual os percursos para compreendemos a organização e desenvolvimento da VTS Crew como grupo ativo em Fortaleza. Utilizamos os debates etnográficos propostos pelos autores Geertz (2008) e Malinowski (1976). Ao abordarmos a temática de etnografia virtual utilizamos Hine (2004) e sobre as reflexões teóricas sobre pesquisa na internet, trazemos as autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011). Para contextualização da teoria, o artigo possui o relato sobre a entrada das pesquisadoras em campo e a relação estabelecida com a crew durante a pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** culturas urbanas; *graffiti*; VTS Crew; comunicação; etnografia.

### 1. Introdução

Considerando a importância da etnografia para a pesquisa social, esse artigo propõe trazer uma análise pondo em diálogo o pensamento de autores que trabalham a etnografia, tais como Malinowski (1976), Geertz (2008). Também trazemos reflexões sobre a etnografia virtual e suas contribuições ao campo de pesquisa etnográfica na contemporaneidade das redes sociais, com Hine (2004) e Fragoso, Recuero e Amaral (2011). As três últimas autoras não pesquisam diretamente a etnografia, mas contribuíram para a pesquisa no cenário das redes sociais. Esse referencial teórico parte de observações etnográficas da experiência, no cotidiano da VTS Crew, grupo que grafita na periferia de Fortaleza, bem como das atuações dessa crew no cenário das redes sociais. Desse modo, nossas reflexões metodológicas se entrecruzam entre os lugares mais tradicionais da etnografia e os mais contemporâneos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Autorizo que o artigo seja avaliado e selecionado para o e-book a ser publicado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: [fernandedefacanhac@gmail.com](mailto:fernandedefacanhac@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE), email: [catarinaoliveira30@gmail.com](mailto:catarinaoliveira30@gmail.com)

---

Com a intenção de discutir qual a importância da reflexão teórica na prática da investigação, trazemos uma abordagem sobre o campo de pesquisa em questão: a VTS Crew e os locais onde circulam e realizam *graffitis* em Fortaleza, que tem sido recorrente no bairro Parque Dois Irmãos. Para isso, as reflexões sobre a etnografia e a etnografia virtual constituem parte da fundamentação teórica da pesquisa.

A fim de colocar em prática, aquilo que foi teoricamente mencionado, trazemos no final do artigo uma contextualização do campo de pesquisa, com o intuito de explicar ao leitor como é o campo, como os grafiteiros se organizam como *crew* nas produções de murais que realizam pela cidade, apresentando seus percursos no cotidiano e nas redes sociais. As perguntas que nos movem, refletem sobre as diferenças e aproximações dos percursos nas redes sociais e nos contextos do bairro Parque Dois Irmãos. Interessamos também, pensar como nos movemos como investigadoras nesses dois momentos da pesquisa.

Com o intuito de compreender não apenas o campo, mas também o sujeito e contribuir para os estudos sobre o *graffiti* em Fortaleza, buscamos na etnografia inspirações metodológicas e de entendimento teórico para elaborar a pesquisa sobre a VTS Crew.

## **2. A etnografia: bases mais tradicionais**

A etnografia é, de modo geral, uma forma de estudar pessoas em grupos comunitários ou sociais. Mas para chegar à essa definição, deve-se entender como ela se constitui enquanto ciência.

A maioria, embora não a totalidade, dos relatos científicos feitos atualmente tem revelado novos e inesperados aspectos da vida tribal: traçou em linhas claras e precisas, um quadro de instituições sociais, que são muitas vezes surpreendentemente vastas e complexas; apresentou uma visão do nativo, tal como ele é, suas crenças, suas práticas religiosas e mágicas [...] (MALINOWSKI, 1976, p.11)

Ao analisar a obra de Malinowski (1976) em “Argonautas do Pacífico Ocidental” percebemos que nessa obra o autor traça pistas metodológicas do trabalho de campo etnográfico, mas notamos também que há certa idealização acerca do trabalho do etnógrafo. Principalmente, quando ele afirma que o trabalho do etnógrafo “apresentou uma visão do nativo, tal como ele é [...]”. Com essas afirmações Malinowski (1976), está de certa forma, afirmando sobre um método do âmbito do paradigma qualitativo que

---

mergulha com mais profundidade nas crenças e valores dos sujeitos pesquisados e de suas práticas sociais e culturais.

Entender as instituições, costumes e códigos ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é para ele, a essência de sua felicidade, é em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar no estudo do homem. (Malinowski, 1976, p. 34)

Ao dizer que busca compreender a essência da vivência do homem, o autor está ao mesmo tempo, firmando a base da etnografia em seus aspectos de entrada em campo, permanência e busca da proximidade das experiências pesquisadas, fator que marca a relevância e distinção desse método científico, mas também constrói um certo lugar de pesquisa idealizado para a etnografia que será retomado por Geertz (2008) posteriormente.

Precisamos compreender que Malinowski (1976) em “Argonautas do Pacífico Ocidental”, discute sob um contexto de pesquisa qualitativa que apesar de já vir problematizando, no século XIX, que as ciências humanas para compreender os sentidos das ações dos homens, precisam de métodos distintos dos propostos pelo paradigma quantitativo. O paradigma qualitativo ainda não tinha uma referência de está em campo de forma mais intensa, contínua e de convivência direta com os sujeitos pesquisados. Será a etnografia e, entre seus fundadores, um dos mais importantes está Malinowski (1976, p. 12):

Sem dúvida, para que um trabalho etnográfico seja válido, é imprescindível que cubra a totalidade de todos os aspectos – social, cultural e psicológico – da comunidade; pois esses aspectos são de tal forma interdependentes que um não pode ser estudado ou entendido a não ser levando-se em consideração todos os demais.

O autor enfatiza que os aspectos social, cultural e psicológico dos nativos são interdependentes, ou seja, que não podem ser estudados ou entendidos se não houver um olhar que permita captar a compreensão do todo dessas relações. Percebemos em Malinowski (1976), certa utopia, e necessidade de abranger muitas questões diferentes em um único trabalho etnográfico, que muitas vezes acaba não sendo possível. Será sobre a busca de uma compreensão profunda mais parcial que Geertz (2008) trará muitas de suas questões, além de outras contribuições para a Construção da pesquisa etnográfica.

---

As reflexões de Clifford Geertz (2008) em “Interpretações das Culturas” (2008) apesar de trazerem outras questões para serem discutidas, como o conceito de cultura e a descrição densa como algo essencial ao trabalho etnográfico, reforçam algumas das preocupações de Malinowski (1976), no que se refere a particularidade da etnografia e modos de estar em campo do etnógrafo:

Segundo a opinião de livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Geertz (2008) enfatiza a importância de o pesquisador vivenciar junto com o grupo pesquisado para saber o que de fato ocorre ali na comunidade, quais os costumes, as causas, as tradições e as especificidades que move aquele grupo. A importância de essa relação ser “densa” entre o pesquisador e o campo é justamente para a percepção do que são as construções feitas pelo grupo e os pensamentos elaborados por quem observa determinado fato em campo. “Todavia, isso leva à visão da pesquisa antropológica como uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que ela realmente é” (GEERTZ, 2008, p. 7).

Geertz (2008) explica também sobre a importância da coleta de dados, entrevistas, anotações no diário de campo. Ao colocar questões como “primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2008, p.7), o autor nos revela a importância que há em entender as vivências, cultura, tradição, linguagem (gírias) do determinado grupo que o etnógrafo está acompanhando e observando.

A distinção maior em Geertz (2008) é nos ressaltar o tipo de construção que a etnografia e a descrição antropológica podem proporcionar, fazendo parte do desenvolvimento da análise científica. “Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão” (GEERTZ, 2008, p. 11). Ao abordar essa linguagem, o autor se refere à primeira, segunda e terceira ordem que o conteúdo dito e interpretado pelo sujeito da pesquisa, que mesmo sendo interpretado por um pesquisador, a compreensão daquela realidade e a interpretação do autor que irá construir a descrição da realidade de um povo.

---

Pós Malinowski e Geertz, a etnografia assumiu as pesquisas urbanas, para além dos contextos tribais e, na contemporaneidade, se discute, inclusive, sobre etnografia virtual.

### 3. Etnografia virtual

Para contribuição em campo, além da etnografia tradicional proposta por Geertz (2008) também utilizamos como forma de aproximação e compreensão do campo a etnografia virtual a partir do acompanhamento diário da rede social *Instagram* dos membros da *VTS Crew* que realizaram os murais e com quem tivemos contato, acessando: @vtscrew, @vivivts, @anevts, @tubaraovts, @milsvts e @edibruzaca. Com isso, utilizamos de inspirações da etnografia virtual para acompanhar os grafiteiros e entender como aproveitar o material colhido em campo virtual e as contribuições que ele nos dá.

Para a autora Christine Hine (2004), no livro “Etnografia Virtual”, a internet é algo revolucionário que modificará as formas de se enviar informações em todo o mundo. Para ela, a perspectiva etnográfica pode ser adaptada para compreender a internet e seus usos de experimentação a fim de ter o objetivo de estudar como a rede virtual é utilizada em determinados contextos.

Uma etnografia da Internet pode observar as maneiras pelas quais o uso de uma tecnologia é experimentado. Em sua forma básica, a etnografia consiste em um pesquisador imergir em um mundo que estuda para um propósito determinado e leva em conta as relações, atividades e significados que são forjados entre aqueles que participam dos processos sociais desse mundo (HINE, 2004, p.13, tradução nossa).<sup>4</sup>

Outra questão colocada pela autora, além do advento da internet, é a base etnográfica que ela explica, visto que comenta sobre as condições do etnógrafo. Entretanto, o objetivo da etnografia neste momento para Hine (2004) é explicitar os modos de construção do sentido das pessoas (em campo) sejam modos implícitos, não claros, ou tomados como certos, mais claros. “O objetivo é tornar explícita certas formas de construir o significado das pessoas, que podem ser tácitas ou tomadas como certas. O

---

<sup>4</sup> Una etnografía de Internet puede observar condetallelas formas en que se experimenta el uso de unatecnología. Ensu forma básica, laetnografía consiste en que un investigador se sumerjaenEl mundo que estudia por untiernpo determinado y tome encuental as relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan em los procesos saci ales de ese mundo (HINE, 2004, p.13).

---

etnógrafo habita uma espécie de mundo intermediário, sendo ao mesmo tempo não-treinado e nativo” (HINE, 2004, p.13, tradução nossa).<sup>5</sup>

Segundo Hine (2004) é importante pensar a internet nos contextos *online* e *offline* que abrangem as dimensões dela, como cultura e como artefato cultural, refletindo também a relação entre espaço e etnografia. Relacionando com o nosso campo, percebemos que ao observar e registrar além do campo *offline*, o registro do campo *online* – em que escolhemos o *Instagram* como rede social para observarmos os sujeitos da pesquisa – nos deu novas informações acerca do campo, como eventos que aconteceriam, contatos de grafiteiros próximos aos da *crew* pesquisada. “Até o momento, os estudos da Internet têm se concentrado em tal cultura, omitindo sua possibilidade de entender como um artefato cultural” (HINE, 2004, p.19, tradução nossa).<sup>6</sup>

No livro “Métodos de Pesquisa para a Internet”, as autoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), analisam de forma mais atenta acerca da pesquisa na internet. Logo na introdução, chamam a atenção para o seguinte fator e peculiaridade: a internet tanto pode ser objeto de pesquisa quanto instrumento da pesquisa, ou seja, aquilo que é estudado ou uma forma de ferramenta de coleta de dados. Elas também acreditam que pela grande quantidade de informações a internet é um campo rico, com muitos registros e informações. “Por outro lado, a riqueza da internet como campo e ferramenta de pesquisa é em grande parte derivada do fato de que tantas informações e registros sobre a vida social estão disponíveis online” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 22).

Segundo as autoras, no campo da internet há estudos em diversas áreas. No Brasil, os estudos de internet estão associados aos estudos de cibercultura. As pesquisadoras chegam a conclusão que há duas grandes demandas de investigações na internet “[...] sendo a primeira relativa à habilidade de busca e recuperação de informações a partir de enormes bancos de dados; e a segunda, que diz respeito às capacidades de comunicação interativa presente na internet” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 33).

---

<sup>5</sup> El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo” (HINE, 2004, p. 13).

<sup>6</sup> “Hasta la fecha los estudios de Internet se han centrado en su estado tanto cultura omitiendo su posibilidad de comprensión como artefacto cultural” (HINE, 2004, p. 19).

---

Ao explicarem acerca dos estudos de rede sociais, as autoras comentam sobre a necessidade de delimitar o objeto para decidir a melhor forma da coleta de dados antes de elaborar a análise. “Assim, um primeiro passo é pensar como serão considerados os atores e suas conexões, ou seja, o que será considerado uma conexão e o que será considerado um ator (ou um nó, que também poderia ser uma instituição) e em qual medida” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 118). Com isso, ocorre a seleção de atores, ou seja, podem ser indivíduos, instituições ou grupos em uma rede social. Após isso deve ocorrer a seleção de conexões, formais ou informais de interações.

Mesmo com o estranhamento sobre o campo virtual, as autoras afirmam que alguns pesquisadores perceberam que as técnicas etnográficas poderiam ser utilizadas para estudar comunidades incorporadas na internet. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) concordam com Hine (2004), na obra “Etnografia Virtual”, quando ela esclarece que há transformações no fazer etnográfico na etnografia virtual, já que: “As dimensões do espaço e tempo foram redimensionadas pelas tecnologias de comunicação e informação [...]” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 172). Elas também compreendem, assim como Hine (2004), que a etnografia virtual deve ser entendida em seu caráter qualitativo, tanto como cultura quanto como artefato cultural.

O campo deve ser construído a partir de refletividade, subjetividade e não apenas da realidade social. Assim, a etnografia virtual acontece a partir do *online* com o *offline*, através da imersão e engajamento do pesquisador com o meio, unindo o planejamento, coleta de dados e análise escrita.

#### **4. A Pesquisa de Campo em seus percursos pelo bairro e pela Rede**

A *VTS Crew*, sujeitos e prática pesquisada nessa investigação, é um grupo ‘Viciados em Tinta Spray’ (*VTS Crew*), nome escolhido por Mils e Tubarão, seus fundadores. *VTS* foi o nome escolhido após tentarem combinações diferentes com outras palavras. A *crew* foi criada em 2005 no Parque Dois irmãos, local que sempre foi o lugar de ação desses grafiteiros e grafiteiras. Nesse sentido, foi no Parque dois Irmãos ou por influência dos trabalhos criados nesse cenário que a *VTS Crew* se formou.

O grupo foi composto inicialmente por Tubarão, Mils, Ane e Vivi. Tubarão é esposo de Ane e Vivi esposa de Mils. Conforme Tubarão (entrevista, 2018), em entrevista no dia 28 de dezembro de 2018, os quatro são considerados os “puros sangues” da *crew*,



visto que estão desde o início juntos. Vivi entrou em 2007 e Ane em 2009. Os outros dois integrantes da *VTS Crew* são Edi, de São Luís – Maranhão e Baga, de Salvador – Bahia. Edi foi convidado para entrar na *VTS Crew* em 2011, mas conheceu o grupo em um evento nacional em 2009. Baga entrou na *crew* em 2011, também, após o grupo o ter conhecido no Rio de Janeiro, em 2010. Eles já se comunicavam por meio do Fotolog. Por volta de 2005, o Fotolog era um site onde postavam fotografias, correspondendo a uma rede social como o *Facebook* e, principalmente ao *Instagram* é, principalmente, mais próximo ao *Instagram*, por privilegiar o uso da fotografia. Nasceu desses encontros, a *VTS Crew*, a qual apresentaremos a seguir a trajetória e as ações e projetos desenvolvidas com o *graffiti*.

Segundo Tubarão (entrevista 2019) em entrevista no dia 15 de abril de 2019, a *VTS Crew* deu início aos trabalhos e nesse início estabeleceu algumas metas a cumprir. O grafiteiro destacou que os objetivos pioneiros do grupo eram criar uma cena local de reconhecimento nacional e criar uma cena feminina no *graffiti* local. Ele enfatizou que o grupo se inspirou em questões que viam em revistas de *graffiti* da época. A meta de realização dos encontros foi cumprida nos primeiros cinco anos de *crew* a partir a realização do evento Encontro de *Graffiti* de Fortaleza, que aconteceu anualmente de 2007 a 2011.

Após o término do Encontro do *Graffiti* em Fortaleza, que teve sua última edição em 2011, o grupo passou a dedicar-se ainda mais no fortalecimento da equipe. Para isso passaram a desenvolver murais inspirados em filmes, desenhos animados, que com o tempo contribuiu para os grafiteiros elaborarem seus próprios traços e desenhos. Atualmente o grupo possui projetos pessoais e em equipe, sendo eles, o projeto ‘Negras Raízes’, elaborado pela equipe que ocorre desde 2018 e possui três murais elaborados pelo grupo, o projeto ‘*Black Comics Nas Ruas*’ criado e desenvolvido pelo grafiteiro Tubarão desde 2018 e a loja *Life Style Graffiti Shop* empreendimento dos grafiteiros Vivi e Mils com foco em vendas de produtos do *graffiti*, como *sprays*, blusas, ferramentas para grafitar. A loja é localizada na Avenida Dois, no Parque Dois Irmãos, onde também é o lugar de realização de eventos, de encontro dos grafiteiros da *crew* e de outros grafiteiros (muitas vezes seus amigos).

Para iniciar a pesquisa sobre a trajetória dos grafiteiros da *VTS Crew*, percorremos um caminho que iniciou na finalização da graduação em jornalismo, em 2017. Desde 2016 estudamos o *graffiti* e intervenção urbana como forma de comunicação na cidade



---

com a participação ativa no grupo de pesquisa Jornadas Urbanas e Comunicacionais (Jucom) onde elaboramos artigos e desenvolvemos pesquisas<sup>7</sup> sobre o tema. Para finalizar o ciclo da graduação tivemos como escolha de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolver um livro-reportagem. A escolha do tema seguiu a linha de pesquisa que tínhamos no Jucom, porém que com foco na cidade de Fortaleza. O resultado final originou no livro “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na cidade”<sup>8</sup> em que o objetivo era mostrar o cenário do grafite em Fortaleza através de três capítulos que abordam os grafiteiros de Fortaleza, eventos e festivais que aconteceram na cidade, bem como a relação do patrimônio histórico com o grafite na capital cearense.

Nesse período de elaboração e realização do livro Ruas e Cores, para o capítulo que abordava os eventos e festivais que aconteceram na cidade, uma das fontes convidadas para nos dar uma entrevista sobre o ‘Encontro do *Graffiti* de Fortaleza’ foi o grafiteiro Tubarão. Na época, não havia intenção de elaborar uma pesquisa mais densa com Tubarão. Queríamos apenas entender questões básicas sobre um dos primeiros eventos de *graffiti* em Fortaleza. Esse contato inicial foi essencial para conhecermos o grafiteiro e ele nos conhecer, tendo assim uma ideia de quem ele era no cenário do *graffiti* na cidade. Nesse primeiro contato, estávamos longe da realização de uma etnografia ou de um olhar etnográfico. Éramos jornalistas com uma entrada para a reportagem e o livro-reportagem. Nesse contexto, a VTS Crew sequer existia para nós. Tubarão era apenas um grafiteiro na imensa cidade de Fortaleza.

O contato com a crew foi posterior a esse encontro. No ano seguinte quando já estava no Programa de Pós Graduação, Mestrado em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará. Buscamos o contato com Tubarão novamente para ele nos apresentar representantes de outras crews na periferia de Fortaleza, próxima aos bairros Parque Dois Irmãos, Mondubim, Pantanal e regiões vizinhas. Aos poucos o bairro Parque Dois Irmãos e a VTS Crew se tornaram visíveis a nossa investigação. Nesse período conhecemos Davi Favela, realizamos uma entrevista com ele para entender se participava de alguma crew e sua história no *graffiti*. Entretanto, continuamos atentas, mesmo que de longe, à Tubarão

---

<sup>7</sup> “O olhar do estrangeiro: uma análise de fotografia de viagem” (2016), “O olhar expressivo-incidental: uma análise de fotografias do Beco do Batman” (2016), “Grafite em Fortaleza: livro-reportagem e a comunicação na cidade” (2017), “O Grafite e os Grafiteiros: a Relação Entre o Grafite e a Comunicação” (2017), “De Quem é a Cidade: A Relação Entre o Grafite e o Patrimônio Histórico de Fortaleza” (2018).

<sup>8</sup> CAMPOS, Fernanda de Façanha e. O grafite e a comunicação na cidade: o livro-reportagem “Ruas e Cores: o grafite como arte viva na Cidade”. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Fortaleza. Curso de Jornalismo, Fortaleza, 2017.

e as atividades que realizava sozinho ou junto com a *VTS Crew*. Para isso fui diversas vezes ao local que Tubarão trabalhava na época, no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca) Mondubim.

A importância das redes sociais, principalmente o *Instagram*, para o início e desenvolvimento desta pesquisa, foi como uma forma de aproximação nossa para com a *VTS Crew*, já que através da ferramenta conheceríamos um pouco mais sobre o grupo. Inicialmente acompanhamos os perfis do grupo (@vtscrew) e de Tubarão (@tubaraovts), pois conhecíamos apenas ele. Com a realização do primeiro evento que participamos, em junho de 2018, conhecemos Mils (@milsvts) e Vivi (@vivivts) passamos a segui-los também. Conhecemos a *crew* no evento de lançamento oficial das tintas Paris 68 na loja *Life Style Graffiti Shop*, localizada no Parque Dois Irmãos, em Fortaleza. O evento foi divulgado nas redes sociais da *crew* com fotos de divulgação e informações. O lançamento ocorreu no dia 30 de junho de 2018 às 9h. O evento contou com a pintura de dois muros, um feito pelos membros da *VTS Crew* e outro por grafiteiros convidados pelo grupo para pintar no evento em que receberam tintas e *sprays* da marca para isso.



Foto: Fernanda de Façanha. Realização dos *graffitis* pelos grafiteiros convidados para participar do evento de lançamento da tinta Paris 68. 30 de junho de 2018.

Os grafiteiros da *VTS Crew*, Tubarão, Mils e Vivi realizavam o segundo mural do projeto *Negras Raízes*, feito durante o evento e finalizado no dia seguinte, já que por questões de logísticas do evento não deu tempo de finalizar apenas no dia de sua realização. Ao vê-los no evento percebemos que ao mesmo tempo que os grafiteiros pintavam, eles recebiam os convidados (grafiteiros de Fortaleza e Região Metropolitana), serviam o almoço, ajudavam os outros grafiteiros dando suas opiniões. A pintura da *crew* foi feita em cima de um fundo vermelho, sendo o segundo mural do projeto *Negras Raízes*. O mural possui elementos que remetem ao continente africano, como a vegetação da savana e os animais ao fundo.



Mural tribo Mursi da Etiópia realizado pela VTS Crew no dia 30 e 31 de junho de 2018.

Essa foi a primeira vez que estávamos presentes e fotografando o campo de pesquisa. Outro ponto importante foi que naquele evento conversamos com alguns grafiteiros, mas não tivemos uma aproximação direta com a *crew*. Apesar disso, passamos a acompanhar o grupo ainda mais, prestando mais atenção aos eventos postados em seus *stories* no *Instagram* e chegando até a perguntar por mensagens sobre mais informações: quando aconteceria o evento, se tinham sido convidados ou se iam apenas como ouvintes. Essa etnografia virtual inicial passou a contribuir para sabermos as primeiras informações de eventos que aconteceriam. Com o passar do tempo, nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2018, aos poucos, fomos marcando entrevistas e encontros com os grafiteiros, com Tubarão no Cuca Mondubim e com Mils e Vivi na loja de *graffiti*. Durante esse período, dúvidas foram em tentar entender sobre a organização do grupo, como se conheceram, desde quando grafitam, o que os motivaram a se unir, por que houve a criação da loja, por que estavam agora pensando em projetos com características étnicas raciais.

Em dezembro, com a chegada de Edi Bruzaca, grafiteiro membro da *crew* e residente em São Luis, o grupo se organizou para realizar o mural em conjunto do ano de 2018. Segundo o grupo, todo ano eles tentam organizar e realizar uma produção (um mural de *graffiti*) da *crew*. O período escolhido para isto coincide com a chegada de Edi em Fortaleza. Nos dias 28 e 30 de dezembro e 03 e 05 de janeiro acompanhamos a

---

produção e execução do terceiro mural do projeto Negras Raízes que homenageou jangadeiro e líder abolicionista do Ceará, Dragão do Mar<sup>9</sup>.

Acompanhar a produção de um mural feito pela VTS *Crew* nos trouxe alguns esclarecimentos importantes para entender o campo:

- A forma como se organizam na produção de um mural, em que todos participam com alguma parte, por exemplo: Vivi, Edi e Mils foram responsáveis de fazer suas assinaturas no estilo que quisessem em um espaço delimitado para cada um. Eles deveriam utilizar as mesmas cores para cada função de ilustração, como volume, preenchimento, contorno e detalhes para manter um estilo uniforme. Já tubarão foi responsável por fazer o busto de Dragão do Mar, por isso não assinaria como os outros;

- Há uma grande contribuição entre eles para o andamento e realização do mural, ou seja, quando há dúvidas de como preencher certo espaço ou como deixar determinado detalhe melhor, todos dão suas opiniões para contribuir;

- Nesse mural, em específico, organizaram com antecedência um planejamento feito no programa Adobe *Photoshop* em que desenharam as ondas turbulentas e o lugar onde ficaria a imagem de Dragão do Mar;

- Os grafiteiros de tempos em tempos se afastavam do muro para ver se o desenho estava ficando conforme o planejado e utilizavam o celular para saber se as cores de luz e sombra estavam em harmonia, por que segundo Tubarão, no final o que vai importar é o registro fotográfico que postarão nas redes sociais;

- A interação que possuem com as pessoas que passam nas calçadas ou com amigos que vão até o local ver como está ficando o mural.

Em um momento que estávamos conversando com Mils durante a realização do mural, ele contou uma história interessante: “Ontem eu tava conversando com um mano meu sobre isso e ele disse que grafiteiro pinta pra grafiteiro e que, muitas vezes, o que escrevemos só grafiteiros sabem ler e identificar quem fez. Gente que não é do *graffiti* não entende” (Conversa com Mils, 2019). Logo depois disso, uma senhora cheia de

---

<sup>9</sup> Conforme Patrícia Pereira Xavier (2011), no livro “Dragão do Mar: a construção do herói jangadeiro” (2011), pontua que Francisco José do Nascimento, conhecido como Chico da Matilde e posteriormente Dragão do Mar, nome como era conhecido na época. A autora mencionou um trecho do jornal “O Nordeste” publicado em 1923 que conforme quem o escreveu apud Alba Valdez, Dragão do Mar bradou em voz alta “neste porto não embarcam mais escravos!” (apud VALDEZ, 2011, p. 89), que após esses gritos e lutas, a escravidão foi abolida no Ceará.

sacolas do supermercado passou na calçada e resumiu esse sentimento em que ela falou como as cores do mural eram bonitas, mas ela não entendia o que tinha escrito ali.



Fotos: Fernanda de Façanha. Momento em que Mils (blusa vermelha) e Tubarão (blusa cinza) se afastam do muro e analisam como está ficando o resultado e foto do planejamento feito pelo grupo.

Após a finalização do mural em janeiro, por incentivo de Edi Bruzaca, tivemos a ideia de enviar um release sobre o mural Dragão do Mar para jornais da cidade a fim de divulgar o trabalho dos grafiteiros e o projeto Negras Raízes. Assim, no dia 18 de março de 2019, o jornal Diário do Nordeste publicou em todas suas plataformas (jornal impresso, *site* e *Instagram*) a matéria “Ancestralidade Negra é destaque em grafites na capital”<sup>10</sup> com os grafiteiros da VTS Crew. A matéria teve duas páginas no jornal impresso, com duas colunas de texto e duas fotos. Ela também possuiu uma chamada na capa do jornal. Conforme Vivi, a matéria foi muito compartilhada entre os grafiteiros e na postagem do *Instagram* do Diário do Nordeste tiveram 1895 curtidas e 25 comentários<sup>11</sup>.

O acompanhamento desse mural e a nossa contribuição para a primeira matéria colaborou para nossa aproximação com o grupo. Na maioria das vezes que Mils, Tubarão e Vivi iam pintar eles nos chamavam para fazer registros fotográficos e comparecer ao local. Foi dessa forma que ocorreu o convite para irmos junto com a grafiteira Vivi ao evento *Graffiti Queens*, que acontecerá em São Paulo nos dias 05, 06 e 07 de julho de 2019, em Itaim Paulista, São Paulo. Vivi foi convidada pelo evento e tivemos conhecimento disso através dos *stories* do *Instagram*, quando ela repostou que tinha sido selecionada para participar do evento. Entramos em contato com Vivi que nos esclareceu

<sup>10</sup> BEZERRA, Renato. Ancestralidade negra é destaque em grafites na Capital. Diário do Nordeste, Fortaleza, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/ancestralidade-negra-e-destaque-em-grafites-na-capital-1.2076247>. Acesso em: 30 jun. 2019

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvKF1Wmmmq3/?igshid=1g5zejh55lvhs>. Acesso em: 30 jun. 2019.

---

que o evento irá homenagear a grafiteira chilena Andrea Cecilia Bernal (ACB) e que foi organizado e produzido por mulheres grafiteiras.

Também acompanhamos os eventos que Tubarão participava, como uma palestra sobre Afroconsumo que aconteceu no Cuca Mondubim. Fomos à oficina que ele ministrou para o Laboratório de Intervenção Urbana intitulada de “*Black Comics nas Ruas*”. Nas aulas ele explicou seu projeto em homenagear e abordar por meio de *graffitis* super-heróis negros poucos visibilizados e conhecidos. No final da oficina realizamos a pintura de um mural no bairro Jangurussu, trazendo para os muros a primeira Capitã Marvel, a personagem Mônica Rambeau. A divulgação e informações sobre a oficina foi feita pelo *Instagram* do Ateliê Casa Mata (@ateliecasamata), responsável pela produção e organização do evento.

Além disso, o grupo também nos chamou para registrar por meio de fotografias a participação da *VTS Crew* na segunda Etapa da Mostra Águas do Nordeste que ocorreu na Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), no bairro Cambeba. O evento aconteceu nos dias 01 e 02 de junho de 2018 e o objetivo era de pintar parte do muro da COERGH.

Notamos que a trajetória do grupo se divide entre atuações na periferia de Fortaleza e mais especificamente no Parque Dois irmãos, bem como da busca de visibilidade nos muros e no *Instagram*. Desse modo, se nossa pesquisa não unir as observações da *VTS Crew* nas redes e no bairro, não nos fará compreender o que o grupo vivencia do *graffiti* na contemporaneidade. Atualmente não existe *VTS Crew* apenas nos bairros e muros da periferia. A *VTS Crew* atravessa os fluxos da internet e, embora, não seja conhecida mundialmente, não se concentra mais no Parque Dois Irmãos ou em outros muros. Circula hoje, também, pelos muros das redes sociais.

## 5. Considerações Finais

Com o relato de campo percebemos que a aproximação com a *crew* por meio das redes sociais contribuiu bastante para conhecermos cada grafiteiro e grafiteira da *VTS* e entender o grupo como um todo. Acompanhar os murais e atividades que vão além da realização dos *graffitis*, como palestras, entrevistas que realizamos nesses períodos, colaboraram para entendermos questões que inicialmente foram dúvidas em campo, como a organização da *crew*.



---

As redes sociais, principalmente o *Instagram*, possuem um papel essencial na divulgação das atividades e dos murais que a *crew* faz em Fortaleza e por onde viajam. Além da divulgação, as redes também contribuem para o aperfeiçoamento dessa temática ou ilustração a partir dos comentários, curtidas e compartilhamentos que eles possuem nas fotos postadas.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que a observação dos dois espaços *online* e *offline* se unem pela busca da VTS *Crew*, de sua constituição e identidade. A pesquisa não é a rede, mas sim a VTS *Crew*. A investigação nos exige uma rotina de pesquisa constante e cuidadosa, de dedicação e tempo.

## REFERÊNCIAS

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MILS. Entrevista concedida a Fernanda de Façanha. Fortaleza, 14 de novembro de 2018.

MILS. Entrevista concedida a Fernanda de Façanha. Fortaleza, 20 de março de 2019.  
XAVIER, Patrícia Pereira. **Dragão do Mar: a Construção do Herói Jangadeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

TUBARÃO. Entrevista concedida a Fernanda de Façanha. Fortaleza, 28 de dezembro de 2018.

TUBARÃO. Entrevista concedida a Fernanda de Façanha. Fortaleza, 15 de abril de 2019.

VIVI. Entrevista concedida a Fernanda de Façanha. Fortaleza, 20 de março de 2019.